

Ngombo

Ngombo

I was invited to spend some months at the Museum of Dundo¹³, to undertake a study on Tshokwe art, and there I contacted several diviners, in order to study the ritual function of some of their statues. They were keen to show me the use of their professional instruments and so I discovered by chance the similarity between the names of certain decorative motifs and some symbolic objects used for divination.

13 Mwata Namuyanga (eighty years old), born in Mona Quimbundu, of a Tshokwe mother and father, is a *tahi* diviner and a *kabuma* "discoverer of witch doctors". Being a renowned specialist of the divination instrument, *ngombo ya cisuka*, he explained to me, in detail, the symbolic meaning of each one of the small objects (true ideograms) that the basket contains and ... – in answer to my question – was even able to identify by name "Tshibinda Ilunga", the character represented in an ancient statuette, bought in Lisbon, which can be seen in a show-case in the Dundo Museum.

Namuyanga later agreed to be photographed: with the plumed hat, *sala*; with the round, flat-bottomed basket, *kasanda*, containing about sixty symbolic objects; the large basket, *cikulimba*, with a square lid and bottom, in which all sorts of instruments are kept, a pair of *misambu* rattles, in the form of wicker dumb-bells, and two small bags containing white clay, *pemba*, and red clay, *mukundu*.

Convidada a passar alguns meses no Museu do Dundo (Oliveira, 1956), para aí fazer um estudo sobre arte Tshokwe, entrei em contacto com alguns adivinhos a fim de investigar a função ritual de algumas estatuetas. Estes acharam por bem mostrar-me a utilização dos seus instrumentos profissionais. Apercebi-me, accidentalmente, da semelhança dos nomes de certos motivos decorativos e de alguns objectos simbólicos utilizados para a adivinhação.

13 O Mwata Namuyanga (de oitenta anos), nascido em Mona Quimbundu, de pai e mãe Tshokwe, é adivinho *tahi* e *kabuma* "descobridor de feiticeiros". Especialista conceituado do instrumento de adivinhação *ngombo ya cisuka*, explicou-me em detalhe o significado simbólico de cada um dos pequenos objectos (verdadeiros ideogramas) que o cesto contém e ... pôde mesmo – respondendo à minha pergunta de simples curiosidade – identificar pelo nome, "Tshibinda Ilunga", o personagem representado por uma antiga estatueta, comprada em Lisboa, e que se encontrava, agora, diante dos meus olhos, numa vitrine do Museu do Dundo. Namuyanga aceitou depois ser fotografado: com o chapéu emplumado *sala*; com o cesto redondo de fundo liso, *kasanda*, contendo sessenta objectos simbólicos, o grande cesto, *cikulimba*, com cobertura e fundo quadrados, no qual se encontram todos os apetrechos, com o par de guizos *misambu*, em forma de halteres em verga, e dois saquinhos contendo argila branca *pemba* e vermelha *mukundu*.

O adivinho, denominado *tahi* pelos Tshokwe, é um notável; sem dúvida uma das pessoas mais importantes depois do chefe local. Pode usar o chapéu *sala* reservado à classe guerreira com um tufo de plumas de galo em cima. Ele chefia, muitas vezes, a sua pequena aldeia e a sua influência está relacionada com a reputação que adquiriu através da sua arte que é igualmente lucrativa. É chamado e consultado em diversas circunstâncias: doença, acidente, morte, esterilidade, impotência, caça infrutífera, mau presságio, possessão, roubo, calamidade pública, etc.

A vida africana encontra-se em osmose constante com o sobrenatural. O além está povoado de espíritos que influenciam intimamente o comportamento social e quotidiano. Estes espíritos tutelares denominados *mahamba* (*sing. hamba*) são geralmente temidos, apesar de só causarem malefícios se o culto que lhes é devido for negligenciado. Várias são as famílias e indivíduos que são seus devotos. Os Tshokwe classificam-nos em duas categorias. Os *mahamba makulwana*, ou «antigos», são os espíritos dos antepassados. Neles se incluem alguns espíritos da natureza que protegem a comunidade, ou as famílias, individualmente. Os *mahamba cipwiya*¹, à letra, «parasitas» - como uma planta - são *ngenji*, ou adoptados de culturas estrangeiras.

As forças maléficas que revelam feitiçaria são denominadas, como ela, *wanga* e são a contrapartida das *mahamba*, mas não lhe é prestado nenhum culto. Estas forças ocultas, sempre maléficas, têm, cada uma, um nome específico, tal como as *mahamba*. São materializadas em certas substâncias pela prática do feiticeiro, *nganga*. É assim que uma estatueta na qual o *nganga* introduziu um fragmento de coração humano pode, por ordem do feiticeiro, ganhar vida de noite, atingir a dimensão de um homem pequeno e cometer um acto maléfico.

Todos os males e infortúnios são causados por uma ou por outra destas duas influências, cabendo ao adivinho *tahi* revelar, através da sua arte, o que está na origem de um malefício, de uma doença ou de uma morte. No caso de um falecimento, supostamente causado pelo malefício *wanga*, o *kabuma*, «descobridor de feiticeiros», cumpre a sua função procurando o *nganga* que se suspeita ter activado a força maligna.

São tradicionalmente utilizados muitos instrumentos de adivinhação e cada adivinho especializa-se na utilização de um deles. Estes instrumentos «*ngombo*» são habitados pelo espírito ancestral do mesmo nome, honrado nos cercados consagrados aos *mahamaba*, onde ele é, frequentemente, representado por dois pilares diferentes, um macho e outro fêmea. Do mesmo modo, num *ngombo* descrito mais adiante, dois frutos semelhantes a pin-

The diviner, whom the Tshokwe called *tahi*, is a notable, undoubtedly one of the most important people after the local chief. He can wear the *sala* hat, reserved for the warrior class, with a tuft of cock feathers on top. He is often a leader to his village and his influence is related with the reputation he has acquired through his art, which is also quite lucrative. He is called and consulted in several circumstances: illness, accident, death, infertility, impotence, unsuccessful hunting, possession, theft, public calamity, etc.

African life is in constant osmosis with the supernatural. The beyond is populated with spirits that intimately influence social and daily behaviour. These tutelary spirits are generally feared, despite of only causing evil if the cult due to them is neglected. They are called *mahamba* (singular *hamba*) and there are families and individuals who are devoted to them. The Tshokwe classify them into two categories. The *mahamba makulwana*, the «ancients», are the ancestral spirits, and include the nature spirits: they protect the community, or the families individually. The *mahamba cipwiya*¹, literally «parasites» - like a plant - are *ngenji*, or adopted from foreign cultures.

The malevolent forces, which appear through witchcraft and are called, as is the latter, *wanga*, are the counterpart of the *mahamba*, but no cult is dedicated to them. Like the *mahamba*, these occult and always evil forces, each have specific names. They materialise in certain substances due to the practise of the witch doctor, *nganga*. It is thus that a statuette in which the *nganga* has placed a fragment of human heart can, at the witch doctor's orders, come to life at night, become the size of a small man and commit an evil act.

All evil and misfortunes are caused by one or other of these influences, and it is the *tahi* diviner's task to reveal, through his art, the cause of that evil, an illness or a death. In the case of death, which was presumably caused by a malevolent *wanga*, the *kabuma*, «discoverer of spells», is responsible for seeking the *nganga* which he suspects of having awakened the malevolent force.

Many of the divination instruments are used according to tradition, and each diviner specialises in the use of one of them. These «*ngombo*» instruments are inhabited by the ancestral spirit of the same name, honoured in the enclosures consecrated to the *mahamba*, where they are represented by two differentiated pillars, one male, the other female. In the same way, in a *ngombo*, described ahead, two fruits similar to pine-cones represent a male element, and the other, the female element of the *Ngombo* spirit.

The method employed in the use of the divination instruments is known to all, but only the diviner is invested

with the necessary power to use them. The consecration and initiation which he undergoes make him apt to play his role as a medium. Information was collected on six different divination instruments used in the Lunda district by the Tshokwe, Lunda and Minungu people. These are the *ngombo ya kakuka*, *ya cisuka*, *ya maliya*, *ya kalombo*, *ya Samukana* and *ya cisalo*².

The *ngombo ya kakuka* came from the Lunda and was the first to be used by the Tshokwe. However, presently, its importance is secondary³: it has been supplanted by *ngombo ya maliya*, which is described later. This instrument is composed of a piece of wood carved in the form of a groove, in which another small, thin piece of wood, of the same length, slides, and which fills it almost completely. The upper part is occasionally anthropomorphic: on the instrument used by the diviner Sakariela⁴, it has the form of a female bust. The *ngombo ya kakuka* are longitudinally divided in two halves; one is covered in red *mukundu*, while the other, darkened, is covered with the white clay *pemba*. The diviner holds the bottom part of the instrument in his left hand and, with his right hand, slides the top part back and forth rapidly in the groove. One of the diviners activates the instrument by placing it on the mat on which he is squatting. When the movement stops, the spirit supposedly gives an answer to the question asked, through the respective positions of both parts: if the upper part slides towards the consultor, the answer is negative; when this part stops and "sticks" inside the groove - with one of the extremities pointing towards the diviner, who cannot move it - the answer is affirmative.

Let us see a text given as an example by the diviner Sakariela for this friction instrument:

The diviner: *The first ngombo is a kakuka.*

Let us ask our friend why he came.

Was it because of an illness or any other misfortune?

No, an illness, he saw an evil spirit.

Which evil spirit did he see?

He saw a whirlwind.

The consultor: *It is true, I saw a whirlwind which hit me. This misfortune came to me and, because of this, I came to you, diviner.*

The diviner: *Give me an offering.*

The consultor makes him an offering.

The diviner: *The evils are benign.*

Will he die or not?

No, he will not die.

What does he have to do?

You will pay (reimburse) another's goods, to be cured.⁵

The *ngombo ya cisuka* is the most important of all. Its name is derived from the verb *kusuka*, which means to shake. In the past, the instrument was called *ngombo ya*

has representam um o elemento macho, o outro, o elemento fêmea do espírito *Ngombo*.

O método empregado para utilizar os instrumentos de adivinhação é conhecido por todos, mas só o adivinho está investido do poder necessário para os utilizar. A consagração e a iniciação a que ele se submeteu tornam-no apto a desempenhar o seu papel de medium. Recolheram-se informações sobre seis instrumentos de adivinhação diferentes utilizados no distrito da Lunda pelas populações Tshokwe, Lunda e Minungu. São eles os *ngombo ya kakuka*, *ya cisuka*, *ya maliya*, *ya kalombo*, *ya Samukana* e *ya cisalo*².

O *ngombo ya kakuka* veio dos Lunda e foi o primeiro a ser utilizado pelos Tshokwe. No entanto, actualmente, a sua importância é secundária³, pois foi suplantado pelo *ngombo ya maliya*, de que se falará mais adiante. Este instrumento é composto de um pedaço de madeira talhado em forma de algeroz, no qual se desloca uma prancheta mais estreita, do mesmo comprimento, e que o preenche quase completamente. A parte superior é, algumas vezes, antropomórfica: no instrumento utilizado pelo adivinho Sakariela⁴, ela possui a forma de um busto feminino. Os *ngombo ya kakuka* são divididos longitudinalmente em duas metades: uma é coberta de vermelho *mukundu*, enquanto que a outra, escurecida, é coberta com argila branca *pemba*. O adivinho segura a parte inferior do instrumento na mão esquerda e, na mão direita, faz deslizar a parte superior na base num rápido vai-e-vém. Um dos adivinhos acciona o instrumento, pousando-o na esteira, na qual está agachado. Quando o movimento pára, o espírito deverá dar uma resposta à questão colocada, através da posição respectiva das duas peças: se a parte superior resvala para o consultante, a resposta é negativa; mas se pára e «cola» ao interior do algeroz - com uma das extremidades resvalando em direcção do adivinho, que não consegue mexer mais a prancheta - a resposta é afirmativa.

Vejamos um texto dado como exemplo pelo adivinho Sakariela para este instrumento de fricção:

O adivinho: *O primeiro ngombo é kakuka.*

Perguntamos ao nosso amigo porque veio ele. Foi por causa de uma doença ou de outra contrariedade?

Não, uma doença, ele viu um espírito maléfico.

Que espírito maléfico viu ele?

Viu um redemoinho.

O consultante: *É verdade, vi um redemoinho que me atingiu.*

Por causa desta contrariedade vim ter consigo, adivinho.

O adivinho: *Dá-me uma gratificação.*

O consulente faz-lhe uma oferenda.

O adivinho: Os males são benignos.

Morrerá ou não?
Não, não morrerá.
Que é preciso fazer?
Vai pagar (reembolsar) o bem de outrem,
para que te cures⁵.

O *ngombo ya cisuka* é o mais importante de todos. O seu nome provém do verbo *kusuka* que significa sacudir. Antigamente, o instrumento chamava-se *ngombo ya cipoza*. A palavra deriva de um equivalente do verbo *kuhand jika* que significa falar. Nos Tshokwe o *ngombo ya cisuka*⁶ é constituído por um cesto redondo contendo habitualmente cerca de sessenta pequenos objectos muito variados: estatuetas de madeira, fragmentos metálicos, matérias animais (cascos, unhas, ossos), frutos, etc.

Estes materiais têm um valor simbólico conhecido por todos que os relaciona com factos da vida quotidiana, sociais ou religiosos. A reunião no cesto forma uma espécie de microcosmos da vida destes povos, com os quais eles se assemelham.

Na região da Lunda, o *ngombo ya cisuka* é conservado pelo adivinho num grande cesto de tampa e base quadradas, o *cikulimba ca ngombo*, nele estão colocados igualmente dois guizos de vime em forma de halteres, chamados *misambu*⁷, e dois saquinhos que contêm, um argila branca *pemba*, o outro argila vermelha *mukundu*. O *ngombo* propriamente dito é composto, como se referiu mais acima, por um cesto redondo que se denomina *kasanda*. Sobre a metade do rebordo, estão presas por um cordel algumas peles de pequenos animais. Estas são postas por cima dos objectos, após cada utilização do instrumento, que se denominam *tupele*. O *ngombo ya cisuka* do adivinho Mwfima⁸ tinha, para além das peles, dois *ngombo*, um *kangamba* ou vivéridas (*Poecilogale albinucha*) e um *kakote* ou esquilo verde (*Funisciurus bayonii*), um bocado de um tecido de algodão aos quadrados proveniente de uma tanga de um *nganga*, um feiticeiro descoberto por ocasião de uma anterior sessão de adivinhação.

Para se preparar para a cerimónia, o adivinho coloca na terra a grande caixa de vime *cikulimba ca ngombo*, e agachado numa esteira ou numa pele, primeiro retira os guizos *misambu*, colocando perto de si. Depois, retira o *ngombo ya cisuka* e coloca-o diante dele; em seguida, coloca, à esquerda, o saquinho contendo a *pemba* e à direita, o que contém o *mukundu*. Com os dedos polegar e indicador separados, marca, com a mão direita, os cantos exteriores dos seus olhos sucessivamente com as duas terras: a *mukundu* vermelha que lhe permitirá

cipoza, the word *cipoza* here quoted as deriving from the equivalent to the verb *kuhand jika*, which means to talk. Among the Tshokwe, the *ngombo ya cisuka*⁶ consists of a round basket usually containing about sixty very varied small objects: wood statues, fragments of metal, animal materials (shells, nails, bones), fruits, etc.

These objects have a symbolic value known to all and which links them to the facts, social or religious aspects of daily life, and their close union in the basket forms a sort of microcosm of these peoples' lives, to whom they seem to be true ideograms.

In the Lunda region, the *ngombo ya cisuka* is kept by the diviner in a large basket with a square lid and bottom, the *cikulimba ca ngombo*, where two wicker rattles in the form of dumb-bells, called *misambu*⁷, are also kept, as well as two small bags, one containing the white clay *pemba*, and the other the red clay *mukundu*. As mentioned above, the *ngombo* itself is composed of a round basket called *kasanda* and several small animal skins are hung around its rim with a cord. These are used to cover the objects, called *tupele*, after each use of the instruments. The *ngombo ya cisuka* of the diviner Mwfima⁸ also had, apart from the skins, (four in all: two *ngombo*, a *kangamba* or vivéridae *Poecilogale albinucha* and a *kakote* or green squirrel *Funisciurus bayonii*), a piece of chequered cotton cloth from the loincloth of a *nganga*, a witch doctor discovered in a previous divination session.

To prepare for the ceremony, the diviner places a large wicker box *cikulimba ca ngombo* on the ground, and squatting on a mat or a skin, first removes the *misambu* rattles, which he places near him, and then the *ngombo ya cisuka* which he places before him; next, to the left, he places the small bag with the *pemba*, and to the right, the bag which contains the *mukundu*. With his thumb and index finger separate, he marks, with his right hand, the outer corners of his eyes with both clays successively: the red *mukundu* will help him to reveal a witch doctor⁹, and the white *pemba* which will allow him to see well¹⁰. The traces of white clay are sufficient to discover the cause of an illness; the red marks, on their own, called *kungu*, are made when he is consulted about a death.

The same materials are used to smear the rim of the basket: the *mukundu* is first rubbed on the right side, and then the *pemba* on the left side of the diviner.

The *tahi* whom I had the opportunity to see practising his art, brought with him a water pipe, from which inhaled deeply; then he blew the smoke out slowly over his *ngombo* as an offering to the spirit to encourage him to divine well for him¹².



14 O adivinho Mwafima aspira profundamente o fumo *mwishi* do tabaco, do seu cachimbo de água *mutopa*, para em seguida o projectar sobre o conteúdo do seu cesto, no intuito de contentar o espírito "Ngombo", para que este favoreça o bom desenrolar da sessão (que pode por vezes durar horas).

14 The diviner, Mwafima, inhales the tobacco smoke *mwishi* from his water-pipe *mutopa*, and then blows it out over the contents of his basket, in order to appease the spirit, "Ngombo", so that it will favour a successful session (which may, at times, last several hours).

desvendar melhor um feiticeiro⁹ e a *pemba* branca que fará com que veja bem¹⁰. Os vestígios de argila branca são suficientes para se descobrir a causa de uma doença; as impressões vermelhas, por si só, denominadas *kungu*, são feitas quando alguém o consulta por causa de um falecimento.

As mesmas matérias servem para cobrir os bordos do cesto: primeiro esfrega a *mukundu* do lado direito; depois, a *pemba* é posta do lado esquerdo do adivinho.

O *tahi*, que eu tive a ocasião de ver em funções, transportava um cachimbo de água, do qual aspirava profundamente o fumo, soprando-o em seguida demoradamente para cima do seu *ngombo* como oferenda ao espírito para o encorajar a ajudá-lo nas suas adivinhações¹¹.

Pegando com a mão direita nos dois guizos duplos, ele sacode-os num ritmo rápido para afugentar, com o barulho produzido, as forças maléficas *wanga*; em seguida inicia a invocação dos espíritos ancestrais. O cântico de introdução é interrompido pelas respostas da assistência. Ele faz alusão aos antepassados históricos, que são os mesmos para os dois cânticos que ouvi, destinam-se um ao *ngombo ya cisuka* e o outro ao *ngombo ya maliya*. Segue-se o início integral e o final de um desses cânticos¹², em forma de diálogo, nos quais a parte do público se limita a algumas respostas:

Gratificação, hé!

Wo!

Gratificação, hé!

Wo!

Gratificação, hé!

Wo!

Os ngombo

Comem enxadas e machados

Sim nós dissemos gratificação

Porque o ngombo come enxadas e machados.

Muito bem assim e respeito.

Dizemos, dizemos, lá em baixo,

O primeiro ngombo é kakuka

O seguinte é cipoza

Se me seguirem lá em baixo

Dizemos, assim, efectivamente, em direcção ao país Lunda

A pessoa que aí vive, é LUEJI (chefe que reinava no final do século XVII)

E assim, efectivamente,

Nós demos-lhe o nome de LUEJI.

E assim, assim

MWATA YAMVO encontrou-se em Lau.

Disse também que

NAKAPAMBA MUSOPA (NAMA) lá estava.

É NAKAPAMBA MUSOPA (NAMA).

Lá em baixo, efectivamente, é TCHINGULI

Taking the double rattles with his right hand, he shakes them in a rapid rhythm to keep away the malevolent *wanga* forces with the noise; next, he starts invoking the ancestral spirits. The introductory chant is interspersed with answers from the public. It alludes to historical ancestors, who are the same in the two chants I heard, one for the *ngombo ya cisuka* and the other for the *ngombo ya maliya*. Here is the whole beginning and the end of one of these chants¹³, in dialogue, during which the public is limited to a few answers:

- *Offering, hé!*

- *Wo!*

- *Offering, hé!*

- *Wo!*

- *Offering, hé!*

- *Wo!*

- *The ngombo*

- *They eat adzes and hatchets*

- *Yes we said offering*

Because the ngombo eats adzes and hatchets.

Very good like this and respect

We say, we say, down there,

The first ngombo is kakuka

The second is cipoza

If you follow me down there

We say, then, in fact, towards the country of Lunda

The person that lives there is LUEJI (the chief that reigned at the end of the 17th century)

And like this, in fact,

We gave her the name of LUEJI.

And like this, like this

MWATA YAMVO found himself in Lau

He also said that

NAKAPAMBA MUSOPA (NAMA) was there.

It is NAKAPAMBA MUSOPA (NAMA).

Down there, in fact, is TCHINGULI

Thus, in fact, there in Kwango.

NDONJI in Kalimba,

TCHULI who rolled the world,

KANDALA who picked the thongo fruit.

Like in fact,

Lord TCHISENGE,

Lord KANYIKA

Lord MBUMBA,

Lord MALUNDU (chief of the Shinji)

Lord MALANGWE (id.)

- *Offering, hé!*

- *Wo!*

- *Offering, hé!*

- *Wo!*

- *The ngombo*

- *They eat adzes and hatchets*

- I don't know, no, eh!
- But the *ngombo* forces me to.

- Oh, I don't know, no!
- I don't know, no, eh!¹³

Now there begins a divination session which aims to discover the facts about the recent or distant past, rarely about the future and, in the case of the latter, it is mostly advice that is given and not exactly forecasts. Due to the large number of *tupele* objects in the basket, the combinations to be interpreted are innumerable and one session may last several hours. Taking his *ngombo* in both hands, the *tahi* shakes it violently once, thus changing the arrangement of all it contains. The objects which appear on the rim of the basket, in front of the consultant, dictate the answer by their respective positions and by their symbolic meaning. The latter is influenced by the precise place in which the objects find themselves, and if they touch the side marked with the white clay *pemba*, which symbolises «good» or the side marked with the red clay *mukundu*, which symbolises «evil». Always acting under the inspiration of the spirit, a skillful diviner is capable of making those objects that interest him appear first, especially the most important, which are heavier.

To give new power to his *ngombo*, after the simulation of divination done at my request, the diviner was going to kill a bird in the forest the next day, and spill its blood on the basket and its contents. He was undoubtedly convinced that the presence of a stranger could be upsetting for a spirit.

The *ngombo ya maliya*¹⁴ is an important divination instrument peculiar to the Tshokwe¹⁵, among whom, today, it supplants the *ngombo ya kakuka*. It comprises a small, round basket called *cisoka ca maliya*, - sometimes it is a small piece of wood -, in the centre of which there is a mirror¹⁶: the *kalinana wa talatala*. The *ngombo ya maliya* at the Museum of Dundo is presented by the diviner Sakariela. One half of the inside of his basket is covered with red *mukundu* and, the other half with white *pemba*. The mirror, framed with white iron, is in part covered by a type of wax star with eight points,¹⁷ among which one can see reflections,. When the coloured clays are separated, two tiny bags containing medicines, called either *munanyi*¹⁸ or *maka*, are tied to the rim. A wooden male figurine is tied by its neck on each side of these bags.

This *ngombo*'s ritual starts, as with the one before, by the placing of the small bags of coloured clay in the same order, and by the marks that the diviner makes on his face. With the help of a little of the clay he removes

Assim, efectivamente, lá no Kwango.
NDONJI em Kalimba,
TCHULI que enrolou o mundo,
KANDALA que apanhou o fruto thongo.
Assim como efectivamente,
O senhor TCHISENGE,
O senhor KANYIKA
O senhor MBUMBA,
O senhor MALUNDU (chefe dos Shinji)
O senhor MALANGWE (id.)
:::::::
- Gratificação, hé!
- Wo!
- Gratificação, hé!
- Wo!
Os *ngombo*
- Comem enxadas e machados

Não sei, não, eh!
*Mas o *ngombo* assim me obriga.*

- Oh, eu não sei não!
Eu não sei, não, eh¹³

Neste momento, começa a sessão que serve para descobrir os factos do passado próximo ou longínquo. Raramente se evoca futuro e, neste último caso, trata-se mais de conselhos que de previsões. Em virtude do grande número de objectos *tupele* contidos no cesto, as combinações a interpretar são incontáveis e uma sessão pode durar várias horas. Pegando no *ngombo* com as duas mãos, o *tahi* dá-lhe uma forte sacudidela mudando de lugar tudo o que ele contém. As peças que se apresentam no rebordo do cesto, em frente do consultante, ditam a resposta pelas suas posições respectivas e pelo seu sentido simbólico. Este é influenciado pelo lugar preciso em que se encontram os objectos. O lado marcado com a argila branca *pemba* simboliza o «bem»; o lado marcado com a argila vermelha *mukundu* simboliza o «mal». Agindo sempre sob a inspiração do espírito, um bom adivinho é capaz de fazer aparecer primeiro as peças que lhe interessam, isto em especial para as mais importantes, que são pesadas.

Para dar nova força ao seu *ngombo*, após o simulacro de adivinhação feito a meu pedido, o adivinho ia no dia seguinte matar um pássaro na floresta para derramar o sangue no cesto e no seu conteúdo. Reparou, com certeza, que a presença de um estranho podia ser perturbadora para o espírito.

*O ngombo ya maliya*¹⁴ é um importante instrumento de adivinhação próprio dos Tshokwe¹⁵ que actualmente, suplanta o *ngombo ya kakuka*. É composto por um pequeno cesto redondo denominado *cisoka ca maliya*

(às vezes uma prancheta) , no centro do qual está fixado um espelho¹⁶ : o *kalinana wa talatala*. O *ngombo ya maiya*, conservado no Museu do Dundo, é apresentado pelo adivinho Sakariela . O seu cabaz está coberto no interior, numa das metades por *mukundu* vermelho e noutra por *pemba* branca. O espelho, parcialmente encoberto por uma espécie de estrela em cera com oito pontas reluzentes¹⁷, está emoldurado em latão. Aquando da separação das terras coloridas, dois minúsculos sacos contendo os remédios denominados *munanyi*¹⁸ ou *maka* estão presos ao rebordo do cabaz. Ao lado de um deles está presa, pelo pescoço, uma figura masculina em madeira.

O ritual deste *ngombo* começa, como no anterior, pela colocação na mesma ordem dos pequenos sacos de terras coloridas e pelas marcas que o adivinho faz no seu rosto. Com a ajuda de um pouco de terra retirada anteriormente de cada saco, o adivinho Sakariela desenha à volta dos seus olhos dois semi círculos, que partem, cada um deles do meio da face e terminam nas têmporas. Mas, desta vez, utilizando argila branca *pemba*, à direita, e argila vermelha, *mukundu*, à esquerda. Um pouco destas terras é aplicado, para uma nova consagração, sobre as metades respectivas do cabaz já tingidas por elas.

Um texto introdutório é em seguida cantado. Nele são citados nomes de rios célebres na história destes povos:

No raiar do dia, faz-se luz
Devemos venerar Pai e Mãe
Vamos ao país Lunda onde encontra MWATA YAMVO
E NAKAPAMBA MUSOPA NAMA.
Onde é fértil, estéril e triste.
Os rios Kalagne e Luluá;
Kasai que destruiu as nossas pirogas;
Luembe é fértil em lagoas.
Samukusu Tchiumbe
Nambulu Luachimo, rio do sofrimento
Onde agora vencemos;
Tshikapa que divide as nossas enxadas e os nossos machados;
Sametete Kwango que traz os nossos troncos de árvores.
Para descobrir uma terra é preciso ser o primeiro.
NDONJI em Kalimba,
KASANJI em Lau¹⁹

(Seguem-se os nomes dos antepassados históricos citados na introdução cantada pelo adivinho Mwfima.)

O *tahi*, que neste caso é também *kabuma* ou «descobridor de feiticeiros», dá início à sessão. Esta pode-se resumir nas questões que ele coloca nas respostas fornecidas pelo espelho:

beforehand from each bag, the diviner Sakariela draws two semi-circles around his eyes, each starting in the middle of the cheeks and ending at the temples, but this time, using white *pemba* clay, on the right, and red *mukundu* clay on the left. A little of these clays is sprinkled, for a new consecration, on the respective halves of the basket already painted with them.

An introductory text is then chanted, in which the names of rivers revered in the history of these peoples are mentioned:

*At the break of dawn, there is light,
We should honour Father and Mother.
We go to the Lunda country where we find MWATA YAMVO
And NAKAPAMBA MUSOPA NAMA.
Where it is fertile; sterile is sad.
The rivers Kalagne and Luluá;
Kasai which destroyed our pirogues:
Luembe is fertile in lagoons.
Samukusu Tchiumbe,
Nambulu Luachimo, river of suffering,
Where we now conquer;
Tshikapa which divides our adzes and our hatchets;
Sametete Kwango which brings our tree trunks.
To discover a land we have to be the first.
NDONJI in Kalimba,
KASANJI in Lau¹⁹*

(This is followed by the names of the historical ancestors quoted in the introduction chanted by the diviner Mwfima.)

The *tahi*, who in this case is also the *kabuma* or «discoverer of witch doctors», initiates the session. This can be summarised by the questions he asks and to which he reads the answers given by the mirror:

Why do you call me? Is it because of a death or an illness?

No, it is because of a death.

The person died of illness or because of a wanga evil?

Yes, an evil «ate the person».

Did it kill men or women?

Men.

For what reason?

Separate yourselves, liélé hé!

Separate yourselves, liélé hé!²⁰

The *kabuma* then reveals the witch doctor, from among those watching, who at his order, have placed themselves in front of him.

During the session, the diviner sometimes rises and goes to consult one or two female statuettes²¹, which he had placed beforehand behind the mat on which he is squatting.



15 Mwata Sakariela, de pai Tshokwe e mãe Lunda (do *Mwata Yamvo*), adivinho *tahi* e "descobridor de feiticeiro" *kabuma*, exerce, com fama, o instrumento *ngombo lya malyia* ("leitura" num pequeno espelho).

Aqui, ele quis mostrar-me a utilização do *ngombo lya kalombo*: começando por colocar, à sua direita, o saquinho com argila vermelha *mukundu*, e à sua esquerda, o da argila *pemba*. Após o feitiço, vemo-lo a mergulhar a ponta do corno no saquinho branco.

15 Mwata Sakariela, of Tshokwe father and Lunda mother (of the *Mwata Yamvo*), a *tahi* diviner and a *kabuma* "discoverer of witch doctors", is renowned for his use of the instrument, *ngombo lya malyia* ("to read" in a small mirror).

Here, he wished to show me the use of the *ngombo lya kalombo*: he starts by placing, to his right, the little bag with red clay, *mukundu*, and, to his left, the one with white clay, *pemba*. After the enchantment, we see him dip the tip of the horn in the white bag.

Porque me chamam? É por causa de uma morte ou de uma doença?

Não, de uma morte.

A pessoa morreu de doença ou de um malefício wanga?

Sim, um malefício «comeu-a».

Matou homens ou mulheres?

Homens.

Por que razão?

Separai-vos, liélé hé!

*Separai-vos, liélé hé!*²⁰

No meio da assistência que, sob sua ordem, se colocou em frente a ele, o *kabuma* desvenda então o feiticeiro.

Ao longo da sessão, às vezes, o adivinho levanta-se e vai consultar uma ou duas estatuetas femininas que havia colocado anteriormente atrás da esteira, onde está agachado.

O *ngombo ya kalombo* - também denominado *ya yitalika*, que significa «ter força» - seria originário dos Tshokwe. Dotado de uma importância secundária, consiste num corno de antílope *tengu* (*Hippotragus equinus*), muitas vezes coberto com uma rede de algodão de diversos tons escuros, denominada *mukishi* e cujo aspecto faz lembrar o fato cingido de um mascarado, que este nome vernáculo designa. À volta da abertura, é atado junto da rede, uma franja hirta em casca batida, chamada *nzombo*, que é também o nome da antiga tanga feita da mesma matéria, usada pelos rapazes, durante o seu tempo de iniciação, e pelas mulheres durante um dos rituais destinados a atrair sobre elas a fecundidade.

Argila branca *pemba* foi cuspida sobre o contorno interior do corno e, por um pequeno buraco, aberto lateralmente em direcção à ponta deste, é introduzido um remédio para dar «potência» ao *ngombo*. Um pedaço de serpente *mboma* (*Phyton sebae*) é misturado com as duas terras sempre indispensáveis aos rituais.

Como para os *ngombo* anteriores, o *tahi* desenha no seu rosto a dupla marca com as terras coloridas; em seguida, mergulha, sucessivamente, a ponta do corno no saquinho de argila vermelha *mukundu* colocado à sua direita, e no de argila branca *pemba* colocado à sua esquerda, pronunciando algumas palavras.

Guiado pelo instrumento, que supostamente se tornou demasiado pesado pela presença do espírito, o adivinho responde às perguntas com gestos bem explícitos:

Mau presságio em relação a uma morte ou doença?

Uma morte (O corno estende-se)

Uma morte natural devido ao Deus Celeste, Nzambi, ou provocado por um malefício Wanga?

The *ngombo ya kalombo* - also called *ya yitalika*, which means «to have strength» - is native to the Tshokwe. Of secondary importance, it consists of an antelope horn *tengu* (*Hippotragus equinus*), often covered with a cotton net of several dark shades, called *mukishi*, which is similar to the close-fitting garment worn by the mask-wearers, whom this vernacular name designates. A fringe of rigid barkcloth, called *nzombo*, is tied to the edge of the net, around the opening. It is also the name of the ancient loin cloth made of the same material, used by the boys during their initiation period, and by the women during one of the rituals aimed at attracting fertility.

White *pemba* clay was sprinkled on the horn's inner contour, and through a small hole²², opened laterally towards the horn's tip, a medicine to give «potency» to the *ngombo* is introduced. It is a piece of the *mboma* (*Phyton sebae*) serpent mixed with the two clays always used in the rituals.

As for the preceding *ngombo*, the *tahi* draws a double mark on his face with the coloured clay; next, he dips the horn's tip successively in the small bag of red *mukundu* placed to his right, and in the bag with white *pemba* placed to his left, pronouncing some words.

Guided by the instrument, which has presumably become very heavy as it is inhabited by the spirit, the diviner answers the questions through explicit gestures:

A bad omen in relation to a death or an illness?

A death. (The horn is extended).

A natural death due to the Celestial God, Nzambi, or provoked by a Wanga evil?

*A death by wanga.» (The tip of the horn pointing towards the *mukundu* side always symbolises evil.)²³*

If the *tahi* wishes to indicate that a member of a family of five is in danger, he inscribes only four scratches on the ground with the tip of the instrument; if he wishes to refer to a chief, he lifts the horn very high; if it is a woman, the horn pounds the ground evoking the gesture of the cassava pestle; if it is a man, the horn points forward. If the one responsible for the evil is among those watching, the diviner withdraws the *mukundu* through the horn's opening and throws it at the head of the witch doctor. If he is not among the spectators, the jumping horn leads the diviner to him.

The *ngombo ya Samukana* is, in a manner similar to the previous one, a *tengu* antelope horn, but the horn of a smaller antelope *kai* (*Sylvicapra grimmia*) is tied to its tip. The use of this instrument characteristic of the Tshokwe is similar to the use of the *ngombo ya kalom-*



16 Supostamente chamado para uma consulta, depois de um falecimento inexplicável, Sakariela tendo retirado argila vermelha com a abertura do corno, lança este pó na cara do assistente, que o espírito "Ngombo" designa como culpado: *nganga* ou "feiticeiro" que urdiu a morte! (através do uso de malefícios *wanga*).

16 Sakariela, summoned for a consultation, after an inexplicable death; he first removes some red clay with the open end of the horn and throws this earth in the face of a spectator, whom the "Ngombo" spirit has designated as the guilty party: the *nganga* or "witch doctor" who contrived the death! (through the use of *wanga* evil).

Uma morte por wanga.» (A ponta do corno dirige-se do lado mukundu que simboliza sempre o que é nefasto.)

Se o *tahi* quiser indicar que um membro de uma família de cinco pessoas está em perigo, com a ponta do instrumento inscreve apenas quatro riscos no solo; se quiser fazer alusão a um chefe, levanta o corno muito alto; se for uma mulher, o corno martela o solo evocando o gesto do pilão de mandioca; se for um homem o corno aponta para a frente. Se o responsável do malefício se encontrar entre a assistência, o adivinho retira *mukundu* pela abertura do corno e lança-o na cabeça do feiticeiro responsável. Se não estiver entre a assistência, o corno saltitando conduz o adivinho em direcção a ele.

O *ngombo ya Samukana* é, à semelhança do anterior, um corno de antílope *tengu*. No entanto, possui um corno mais pequeno de antílope *kai* (*Sylvicapra grimmia*) fixado pela ponta. A utilização deste instrumento característico dos Tshokwe é semelhante à utilização do *ngombo ya kalombo*. O *ngombo ya cisalo*, também denominado *ya cisese*, é um instrumento de adivinhação de menor importância, proveniente dos Lunda e utilizado pelos Tshokwe. É composto por uma espécie de haste de madeira, cuja parte inferior serve de manípulo, ao passo que a extremidade superior é por vezes esculpida em forma de cabeça masculina, sobre a qual se prende uma tira de vime flexível, que constitui a sua parte essencial. Esta pequena trança, formada por pequenas e finas lamelas de bambu rachado e unidas através de pequenos cordões, representa em miniatura a esteira, ou a pequena grade de vime, denominada *cisalo* ou *cisese*²⁵, onde se coloca a mandioca para a secar.

Um fruto mágico globuloso terminado por um tufo de pelos e ao qual se dá o nome de *kapuli wako* torna pesada a parte inferior da tira entrançada. Ele está pintado, tal como o pequeno *cisalo*, no lado esquerdo, de argila branca *pemba* e no lado direito, de argila vermelha *mukundu*.

O *tahi* dá nova força ao seu *ngombo* reforçando as mesmas argilas as partes já tingidas. Em seguida, imprime ao seu instrumento um movimento de pêndulo, ou enrola, às vezes, a trança em redor da haste. O espírito dá a resposta quando o fruto toca um dos lados da tira enquanto esta se balança ou se enrola.

Que verdade é preciso encontrar para esta pessoa? Será que veio por causa de uma cabra perdida ou por causa de uma pessoa doente?

Por causa de um pessoa doente.

Sofre da cabeça ou das costas?

Das costas.

A doença vem da força maligna wanga ou dos espíritos mahamba?

*bo*²⁴. The *ngombo ya cisalo*, also called *ya cisese*, is a divination instrument of minor importance, copied from the Lunda and used by the Tshokwe. It is composed of a type of wooden staff whose lower half serves as a handle, while the upper extremity is occasionally carved in the form of a male head, on which a band of flexible wicker, its most essential part, is tied like a sheet. This small plait formed by small, fine, split lamellae of bamboo, joined by small cords, represents the mat or small wicker coffer called *cisalo* or *cisese*²⁵ where the cassava is placed to dry.

A spherical magical fruit with a tuft of hair, called *kapuli wako*, makes the bottom part of the plaited band heavy. The latter is painted on the left, with white *pemba* clay, and on the right side with red *mukundu* clay, as is the small *cisalo*.

The *tahi* gives new power to his *ngombo* by raising those same clays over the parts already dyed. Next, he makes his instrument swing like a pendulum, or sometimes he winds the plait around the staff. The spirit gives its answer when the fruit touches one or the other side of the band while it is swinging or being wound.

*What truth has to be discovered for this person? Did the person come because of a lost goat or because of sick person?
Because of a sick person.*

*Does the person suffer from the head or the back?
The back.*

*The illness comes from the evil wanga force or from the mahamba spirits?
The Samuhangi hamba.*

*From the Samuhangi of the lineage of the Father or the Mother?
Of the Mother.
Is this person going to be cured?*²⁶

The answer is «yes» if the fruit touches the white side; «no» if it touches the red side.

The diviner often has helpers called *ana* or «children». During the consultation, they play two to five notes on a miniature xylophone, with the help of a small wooden mallet, or they ring an iron bell (sometimes two) without a clapper. These two instruments are called *lubembe*²⁷. The bell is used at the moment when the *nganga* witch doctor is revealed²⁸; it is the same one which, in ancient times, was rung while the magical medicines for war were being made.

Following a divination session for an illness, once the treatment for the malady has been discovered, it is the *mbuki* or doctor's task to apply it. The treatment consists of natural or magical medicines called *yitumbo*: usually very effective herbs, amulets to be worn, exorcism rituals to be followed, etc. But in grave cases, propitiation

ceremonies take place, to calm the anger of the ancestors, this time with the participation of the *tahi* and the village community, accompanied by dancing and sacrifices. When a public calamity occurs, the sacred *Cikungu* mask sometimes intervenes²⁹. If the diviner is himself a *kabuma* and discovers a witch doctor at the end of a session held because of a death, he is in charge of the exorcism.

The *mbuki* that has just been mentioned is a less important character than the *tahi*. My Tshokwe informants compare him rather to a «nurse» who applies the treatment prescribed by the diviner. In the simpler cases that apparently do not have any supernatural cause, it is to the *mbuki* that the people go. It can be a man or a woman versed in the knowledge of natural or magical medicines in which they specialise. If the *mbuki* does not discover the cause of the malady, he or she sends the patient to be consulted by the *tahi*, after giving him or her as a palliative or talisman, the *ngombo kali ha mufumvu*³⁰, symbolised by a cowry shell³¹, which the patient wears around his/her neck, in order to calm the spirit which is supposedly displeased.

These strange practices are highly reminiscent of those which took place among us, during the Middle Ages, and are not very different from others used today in the occult sciences.

Do hamba Samuhangi.

Do Samuhangi da linhagem do Pai ou da Mãe?

Da Mãe.

*Essa pessoa vai-se curar?*²⁶

A resposta é «sim» se o fruto tocar o lado branco; «não», se tocar o lado vermelho.

O adivinho tem, muitas vezes, ajudas denominadas *ana* ou «crianças». Ao longo da consulta, estes últimos tocam, com a ajuda de um pequeno macete, o xilofone em miniatura, com duas a cinco teclas, ou o sino de ferro sem batente, por vezes duplo. Estes dois instrumentos denominam-se *lubembe*²⁷. O sino é utilizado no momento em que o feiticeiro *nganga* é designado²⁸; é o mesmo que antigamente era tocado quando se fabricavam os remédios mágicos para a guerra.

A seguir a uma sessão de adivinhação duma doença, e após ter sido descoberto o tratamento do mal, cabe ao *mbuki* ou curandeiro aplicá-lo. O tratamento consiste em remédios naturais ou mágicos denominados *yitumbo*: ervas, muitas vezes eficazes; amuletos para usar; rituais de despossessão a seguir, etc. Mas quando se trata de casos graves, decorrem cerimónias destinadas aos antepassados, desta vez com a participação do *tahi* e da comunidade aldeã, acompanhadas de dança e de sacrifícios. Quando ocorre uma calamidade pública, às vezes intervém a máscara sagrada *Cikungu*²⁹. Se o adivinho é ele mesmo *kabuma* e desvenda, no final de uma sessão, um feiticeiro que tenha provocado um falecimento, é ele que se encarrega do exorcismo.

O *mbuki* que acaba de ser mencionado é um personagem menos importante que o *tahi*. Os meus informadores Tshokwe compararam-no antes ao «enfermeiro» que aplica o tratamento receitado pelo adivinho. Nos casos mais simples que aparentemente não têm nenhuma causa sobrenatural, é ao *mbuki* que as pessoas se dirigem. Pode ser um homem ou uma mulher versado no conhecimento de remédios naturais ou mágicos nos quais é especializado. Se o *mbuki* não descobre a causa do mal, envia o seu paciente para consultar o *tahi*, depois de lhe ter entregue como paliativo ou talismã, o *ngombo kali ha mufumvu*³⁰, simbolizado por um caurim³¹, búzio que o doente trará ao pescoço, para acalmar o espírito que supostamente está descontente.

Estas estranhas práticas lembram-nos muito aquelas que tinham lugar entre nós, no decurso da Idade Média, e não estão assim tão distanciadas de outras utilizadas hoje em dia nas ciências ocultas.

Notes

1 In the orthography of the vernacular names: c = tch, sh = ch, u = ou.

2 Two other names of *ngombo* were also mentioned: *o ngombo ya kapekete* (*ya Tulwena, kola lya kai*) used by the Lwena and consists of an antelope skull *kai* (*Sylvicapra grimmia*); also the *ngombo ya zenze* used by the Lwimbi and the Mbangala.

3 The Tshokwe say: *Ngombo yitangu kakuka ya Tulunda*. (The first *ngombo* is *kakuka*, small, comes from the Lunda).

4 Sakariela is a descendant of a Lunda mother and Tshokwe father.

Notas

1 Na ortografia dos nomes vernáculos: c= tch, sh = ch, u = ou.

2 Dois outros nomes de *ngombo* foram ainda mencionados: o *ngombo ya kapekete* (*y Tulwena, kola ly a kai*) utilizado pelos Lwena e que consiste num crânio de antílope *kai* (*Sylvicapra grimmia*); bem como o *ngombo ya zenze* utilizado pelos Lwimbi e pelos Mbangala.

3 Os Tshokwe dizem: *Ngombo yitangu kakuka ya Tulunda*. (O primeiro *ngombo* é *kakuka*, pequeno, vem dos Lunda).

4 Sakariela é descendente de mãe Lunda e de pai Tshokwe.

5 - *Ngombo yitangu kakuka*

Tunahula yono mukwetu yize a kawula

Shina yikola wa kawula nyi cishimo cika ca kushima?

Ka, hi yikola ko cipupu wa mona

Cipupu cika wa mona?

Cinjimbi wa mona.

- *Cocene cinjimbi na monanga wa ngulambanga. Ce cishimo ca ngukwata neza kuli yena tahi.*

- *Cikolyo haneha.*

Hingwehe yisako.

Kumakafwa nyi kecikafwa?

Ka, kecikafwa.

Mba kuci makalinga?

Ya ko ukafute upite wa mbala, mba hanga ukahinduke.

6 Instrumentos deste tipo, encontrados em povoações aparentadas, são mencionados ou descritos de uma forma detalhada por muitos autores: Cameron (1885), Philip & Son (.450 e 451), Torday e Joyce (1922; Hambly (1934 : 247), Baumann (1935 : 162 – 173), Tucker (1940:173-196), Delachaux (1946: 48-72; 138-147), White (1948: 89-90) e Van den Eynde (1954-55: 86).

7 Às vezes os guizos misambu são substituídos pelo guizo *lusangu* formado pelo fruto esférico do mesmo nome, montado sobre um punho que o atravessa. Este punho é, às vezes, decorado com a figura feminina denominada *Civumina*.

8 Mwfima é descendente de pai e mãe Minungu.

9 *Hanga azume nganga* (= para que designe o feiticeiro)

10 *hanga atale kapema* (para que veja bem)

11 *Mwata kanase mwishi wa makanya mu ngombo hanga atahé kapema* (= o chefe sopra fumo de tabaco no *ngombo* para que ele adivinhe bem)

12 cantado para o *ngombo ya cisuka* pelo adivinho Mwfima.

13 - *Cikoyo, é!*

- *Wo !*

- *Ngombo*

- *Jalya matemo nyi mazembe.*

- *Mba nyi cikolyo twavuluka*

- *Calya ngombo matemo nyi mazembe.*

- *Cipema cize nyi vumbi. Vuluka vuluka kuze,*

Ngombo yitangu kakuka

Cinakasulaho cipoza

Nyi kunwasulanga akuze

Kutwavuluka mwanji mukwo ku Lunda,

Mutu unakasalako Lweji.

Mwe muze mwanji mukwo

Nyi kutwavulukanga Lweji

Mwe muze mwanji mwanji

Mwacyamvwa yatwama há Lau.

Acamba mwanji mwanji mukwo

Kuze kuli Nakapamba Musopa,

Kuli Nakapamba Musopa

Akuze mwanji mukwo kuli Cinguli

Mwe muze mwanji mukwo um Kwango.

Ndonji mu Kalimba,

Culi ca mulimba ngongo,

Kandala kalwanda thongo.

Mwe muze mwanji,

Hali mwana Cisenge,

Hali mwana Kanyika,

Hali mwana Mbumba,

Hali mwana Malundu,

Hali mwana Malangwe.

5 - *Ngombo yitangu kakuka*

Tunahula yono mukwetu yize a kawula

Shina yikola wa kawula nyi cishimo cika ca kushima?

Ka, hi yikola ko cipupu wa mona

Cipupu cika wa mona?

Cinjimbi wa mona.

- *Cocene cinjimbi na monanga wa ngulambanga. Ce cishimo ca ngukwata neza kuli yena tahi.*

- *Cikolyo haneha.*

Hingwehe yisako.

Kumakafwa nyi kecikafwa?

Ka, kecikafwa.

Mba kuci makalinga?

Ya ko ukafute upite wa mbala, mba hanga ukahinduke.

6 Instruments of this type, found among the related peoples, are referred to or described in detail by many authors: Cameron (1885); Philip & Son (450 e 451), Torday and Joyce (1922:297); Hambly (1934:247); Baumann,(1935:162-173); Tucker (1940:173-196); Delachaux, (1946:48-72; 138-147); White (1948:89-90) and Van den Eynde (1954-55: 86).

7 Sometimes the *misambu* rattles are substituted by the *lusangu* rattle consisting of a spherical fruit of the same name, on a handle, which goes through it. This handle is sometimes decorated with the female figure called *Civumina*.

8 Mwfima is descendant of Minungu mother and father.

9 *Hanga azume nganga* (= to designate the witch doctor)

10 *Hanga atale kapema* (so that he sees well)

11 *Mwata kanase mwishi wa makanya mu ngombo hanga atahé kapema* (= the chief blows tobacco smoke on the *ngombo* so that he divines well)

12 Sung to the *ngombo ya cisuka* by the diviner Mwfima.

13 - *Cikoyo, é!*

- *Wo !*

- *Ngombo*

- *Jalya matemo nyi mazembe.*

- *Mba nyi cikolyo twavuluka*

- *Calya ngombo matemo nyi mazembe.*

- *Cipema cize nyi vumbi.*

Vuluka vuluka kuze,

Ngombo yitangu kakuka

Cinakasulaho cipoza

Nyi kunwasulanga akuze

Kutwavuluka mwanji mukwo ku Lunda,

Mutu unakasalako Lweji.

Mwe muze mwanji mukwo

Nyi kutwavulukanga Lweji

Mwe muze mwanji mwanji

Mwacyamvwa yatwama há Lau.

Acamba mwanji mwanji mukwo

Kuze kuli Nakapamba Musopa,

Kuli Nakapamba Musopa

Akuze mwanji mukwo kuli Cinguli

Mwe muze mwanji mukwo um Kwango.

Ndonji mu Kalimba,

Culi ca mulimba ngongo,

Kandala kalwanda thongo.

Mwe muze mwanji,

Hali mwana Cisenge,

Hali mwana Kanyika,

Hali mwana Mbumba,

Hali mwana Malundu,

Hali mwana Malangwe.

.....

- *Cijimo è!*

- *Ye ngombo yanguzangiya.*

.....

- *O cijimo!*

- *Cijimo è!*

These last two exclamations are repeated fifteen times.

14 An instrument of this type is mentioned by Baumann, (1935:163) and Tucker (1940:173) Himmelheber (1939: 30) and by Van den Eynden, (1954:75.).

15 *Ngombo ya maliya yinene ya Tucokwe* (= *ngombo maliya* is large and Tshokwe)

16 The mirror, of European origin, substitutes perhaps the recipient that contains the water for the divination mentioned by Tucker (1940: 173).

17 According to an information obtained later, this rosette, with its interior in the form of a star, represented the sun, *twanga*.

18 *Munanyi wali* (= two *munanyi*)

19 *Hilyaca hilyatoma*
twakukombelela *Tata nyi Mama.*
Mu twaya (?) *ha Lunda ali Mwacyamvwa*
Nakapamba Musopa Nama.

Kwe kuze kwejye semi, mumba yesa nyi kunenganyama.
Lwiji Kalanyi nyi Luluwa;
Kasayi kalukunga mato;
Lwembe vula yitende.
Samukusu Cihumbwe;
Nambulu Lwacimo, Iwiji wa lamba,
Musono mamupiciya upite;
Cikapa ca lukapa matemo nyi mazembe;
Sametete Kwango cimbata mingowa.
Kwanda cifuci, kulyanga.
Ndonji ha Kalimba,
Kasanji ha Lau,

.....
Kalanyi or *Kalegne* is the upper Bushimaie river, where the Lunda empire was founded in the 17th century.

20 *Ika mwangusanyikina? Ngwo kufwa nyi yikola?*
Ka, kufwa.
Mutu kuci afwa yikola nyi wanga?
Ngwo wanga, mba ya wa mulya
Wa mulya ngwo mapwo nyi malunga?
Ngwo malunga.
Ngwo citeta cika wa mulya?
Nuli maninamanina, lyélé hé!

21 *Kaponya wa malya wa kutaha nenyi kuli mukwa maliya.* (*Maliya* statue to divine, used by the diviner.)

22 *Cituwa ca kunokena yitumbo* (*mboma nyi pemba nyi mukundu*) *ya taci* (= hole to introduce the medicines - python, white clay and red clay - to give strength).

23 «*Cipupu cika kufwa nyi ca yikola?*
Ngwo ka, ca kufwa
Kufwa ca Nzambi nyi ca wanga?
Ngwo ka, ca wanga.»

24 *Ngombo Samukana ya Cokwe, mbinga yiene ya tengu nyi mbinga yikehe ya kai, neyo kakuyitaha ngwe kalombo* (= The *ngombo Samukana* of the Tshokwe, large horn of the *tengu* and small horn of the *kai*, used for divination like the *kalombo*).

25 The decorative motifs called *cisalo* or *cise* were inspired by these works in wicker.

26 «*Ca mwene ambulula cize akawulanga yono mutu?*
Nyi pembe watokanga nyi yikola ambulula?
Cikuma ca mwene mwene kuma mutu unayinji.
Mutu unayinji mutwe nyi nyima?
Ka, nyima.
Nyima ya wanga nyi ya mahamba?
Ka, hamba Samuhangi.
Samuhangi wa ku utatenu nyi ku unoko?
Ka, ku unoko.
Ca mwene mwene mutu unomakahinduke?»

27 The name of the small xylophone is probably *lupembe*.

28 *Lubembe wa ngombo wa kutaha nenyi hanga asume nganga, wa jita memba muze malinga yitumbo.* (The *lubembe* bell of the *ngombo* serves the diviner so that he can indicate the witch doctor; the war bell will sound when the medicines are made).

29 The *Cikungu* mask worn by the village chief himself, represents his ancestors.

30 *Mufumvu* (= «instalment»)

31 *lupashi* (*Cyperaea moneta*)

- *Cijimo è!*
- *Ye ngombo yanguzanginya.*

- *O cijimo!*
- *Cijimo è!*

These last two exclamations are repeated fifteen times.

14 Um instrumento deste género é mencionado, por Baumann (1945:163), Tucker (1940:173), Himmelheber (1939: 30) e Van den Eynden (1954-55 : 75).

15 *Ngombo ya maliya yinene ya Tucokwe* (= *ngombo maliya* é grande e Tshokwe)

16 O espelho, de origem europeia, substitui talvez o recipiente que contém a água para a adivinhação mencionado por Tucker, 1940:173.

17 De acordo com uma informação obtida posteriormente esta rosácea, com um interior em forma de estrela, representaria o sol, *twanga*.

18 *Munanyi wali* (= dois *munanyi*)

19 *Hilyaca hilyatoma*
twakukombelela *Tata nyi Mama.*
Mu twaya (?) *ha Lunda ali Mwacyamvwa*
Nakapamba Musopa Nama.
Kwe kuze kwejye semi, mumba yesa nyi kunenganyama.
Lwiji Kalanyi nyi Luluwa;
Kasayi kalukunga mato;
Lwembe vula yitende.
Samukusu Cihumbwe
Nambulu Lwacimo, Iwiji wa lamba,
Musono mamupiciya upite;
Cikapa ca lukapa matemo nyi mazembe;
Sametete Kwango cimbata mingowa.
Kwanda cifuci, kulyanga.
Ndonji ha Kalimba,
Kasanji ha Lau,

.....
Kalanyi ou Kalegne é o rio superior de Bushimaie, onde nasceu o império Lunda no séc. XVII.

20 *Ika mwangusanyikina? Ngwo kufwa nyi yikola?*

Ka, kufwa.
Mutu kuci afwa yikola nyi wanga?
Ngwo wanga, mba ya wa mulya
Wa mulya ngwo mapwo nyi malunga?
Ngwo malunga.
Ngwo citeta cika wa mulya?
Nuli maninamanina, lyélé hé!

21 *Kaponya wa malya wa kutaha nenyi kuli mukwa maliya.* (Estatueta *maliya* para adivinar, utilizada pelo adivinho.)

22 *Cituwa ca kunokena yitumbo* (*mboma nyi pemba nyi mukundu*) *ya taci* (= buraco para introduzir os remédios (pitão, argila branca e argila vermelha) para dar força).

23 «*Cipupu cika kufwa nyi ca yikola?*
Ngwo ka, ca kufwa
Kufwa ca Nzambi nyi ca wanga?
Ngwo ka, ca wanga.»

24 *Ngombo Samukana ya Cokwe, mbinga yiene ya tengu nyi mbinga yikehe ya kai, neyo kakuyitaha ngwe kalombo* (= O *ngombo Samukana* dos Tshokwe, grande corno de *tengu* e pequeno corno de *kai*, utilizado para a adivinhação como *kalombo*).

25 Os motivos decorativos chamados *cisalo* ou *cise* foram inspirados por estes trabalhos em vime.

26 «*Ca mwene mwene ambulula cize akawulanga yono mutu?*
Nyi pembe watokanga nyi yikola ambulula?
Cikuma ca mwene mwene kuma mutu unayinji.
Mutu unayinji mutwe nyi nyima?
Ka, nyima.
Nyima ya wanga nyi ya mahamba?
Ka, hamba Samuhangi.
Samuhangi wa ku utatenu nyi ku unoko?
Ka, ku unoko.
Ca mwene mwene mutu unomakahinduke?»

27 O nome do pequeno xilofone é provavelmente *lupembe*.

28 *Lubembe wa ngombo wa kutaha nenyi hanga asume nganga, wa jita memba muze malinga yitumbo.* (O sino *lubembe* do *ngombo* serve para a adivinhação para que ele designe o feiticeiro, o da guerra tocará quando se fizerem os remédios).

29 máscara *Cikungu* trazida pelo próprio chefe da aldeia, representa os seus antepassados.

30 *Mufumvu* (= «prestação»)

31 *Iupashi* (*Cypraea moneta*)

Bibliografia

Bibliography

Baumann, H. 1935. *Lunda. Bei Baurn und Jagern in Innern-Angola*. Wurfel Verlag, Berlin.

Cameron, V. L. 1885. *Across Africa* (New edition), London: Georges Philip & Son, 450 e 451.

Delachaux, T. 1946. Métoode et instruments de divination en Angola, *Acta Tropica*, III - 1, 48 a 72;138 a 147.

Hambly, W.D. 1935. *The Ovimbundu of Angola*, Chicago: Field. Museum Natural History, 247.

Himmelheber, H. 1939. *Art et Artistes Batshiock*, Brousses, 3, Léopoldville, 17-31.

Oliveira, J. Osório de 1956. *El Arte Negro como Expresión Humana y como Valor Cultural*, Madrid: Indice.

Torday, E. e Joyce, T. A. 1922. *Notes Ethnographiques sur les Populations Habitant les Bassins du Kasai et du Kwango Oriental*, Ann. Du Musée. Du Congo, Bruxelles , 297.

Tucker, L. S. 1940. *The Divining Basket of the Ovimbundu*, Journal Roy. Anthropology Institute, LXX, 2, 173 a .

Van den Eynde, K. 1954-55. *Licentie in Afr. Linguistiek*, Kat. Univ. Leuven,. 86.

White, C.M.N. 1948. *Witchcraft, Divination and Magic among the Balovale Tribes*, Africa, XVIII, 2, 89-90.

